

DO EUROCENTRISMO AO AFROPESSIMISMO¹

Reflexão sobre a construção do imaginário da “África” no Brasil.

Francisco Sandro Silveira Vieira²

Resumo

Este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre o imaginário da “África” no Brasil. Pretendemos com isso, demonstrar como as teorias ideológicas eurocêntricas criaram falsificações históricas e até mitos que serviram como fonte das várias imagens estereotipadas sobre a África e os africanos, desenvolvendo o afropessimismo. Discute também a idéia de que a “África” e a sua herança cultural no Brasil têm sido basicamente um produto do sistema de relações raciais e de poder mais do que da capacidade de preservá-la em si.

Palavras-Chave: África; Identidade; Reconhecimento; Herança cultural.

From Eurocentrism to Afropessimism
Reflection upon the imaginary construction of “África” in Brazil.

Abstract:

This article has as an objective, the reflection upon the imaginary of “Africa” in Brazil. We intend, with this, to demonstrate how Eurocentric ideological theories created historic falsification, and even myths who served as source of various stereotyped images who about Africa and Africans, developing Afropessimism. It also discusses the ideal that “Africa” and its cultural inheritance in Brazil has basically been a product of the system of racial and power relations, more than the capacity to preserve it in itself.

Key Words: Africa; Identity; Recognition; Cultural inheritance.

INTRODUÇÃO.

A África mantém-se como um continente desconhecido para a maioria da população brasileira, seja ela docente ou discente. As escolas de ensino infantil, fundamental, médio e

¹ O Afropessimismo: Visão pessimista do continente africano. Segundo intelectuais africanos contemporâneos como Paulin Houtondji o afropessimismo, pode ser tanto um conceito um sentimento ou mesmo uma sensação, desenvolvemos essa visão pessimista da África no instante em que recebemos velhas e já conhecidas informações sobre a África via Mídia (TV, revistas, jornais, etc.): fome, AIDS, guerras, “etnocídios”, atraso, calamidades naturais, doenças endêmicas etc. A idéia é que o acúmulo de informações estereotipadas que temos sobre a África são reforçadas quando recebemos essas informações e imagens sobre o continente, desenvolvendo o Afropessimismo.

² Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho da Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, sendo também Pesquisador Associado do Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (NUPE).

universitário, no geral, não abordam o passado e o presente africano. Muito embora este passado esteja tão presente no cotidiano nacional, seja através das palavras faladas, da cultura, das religiões, das instituições, da economia etc. O desconhecimento e o silêncio sobre o passado dos diversos países africanos nos cursos superiores das diferentes áreas do conhecimento são imensos, esses desconhecimentos e silêncio têm sido uma opção arbitrária e política dos nossos educadores, docentes e lideranças políticas e econômicas (FONSECA,2004).

É quase hegemônico no imaginário e na concepção popular de que o Egito não faz parte do continente africano, assim como a sua população não tinha origem africana, ou seja, eram populações predominantemente não-negras³. Porém um dos imaginários mais fortes que se tem sobre o Continente africano, se desenvolve através do conceito de Unanismo⁴, ou seja, tende-se a olhar o continente como “uma coisa” una, tendo uma única identidade, e até como um país. Estas são as representações mais fortes da “África” no Brasil.

O que se constata é que o atual mapa geopolítico do continente africano (e suas ilhas)⁵ é constituído por 57 países, com uma diversidade sócio-cultural e etnolinguística enorme.

O objetivo do artigo será fazer uma breve reflexão sobre o imaginário da “África” no Brasil. Pretendemos com isso, demonstrar como as teorias ideológicas eurocêntricas criaram falsificações históricas e até mitos que serviram como fonte das várias imagens estereotipadas sobre a África e os africanos, desenvolvendo o afropessimismo.

³ As representações de um Egito antigo não-negro são reforçadas até hoje através do cinema americano e séries de TV.

⁴ Ver HOUNTODJI, P. *Sur la philosophi africaine*. Paris: Maspero, 1976.

⁵ A colonização do continente pelas potencias ocidentais originou no atual mapa geopolítico, totalmente diferente do mapa da África anterior ao século XVI. Também posterior a Conferência de Berlin (séc. XIX).

Centrismos: Etnocentrismo; Eurocentrismo; Afrocentrismo⁶.

Faz-se necessário, porém, fazer uma pequena reflexão sobre três conceitos que permeiam o contexto sócio-histórico da nossa reflexão: O etnocentrismo, o eurocentrismo e o afrocentrismo, para ressaltar a posição hegemônica que o eurocentrismo⁷ exerce.

O etnocentrismo é um conceito que cada grupo étnico tende a elaborar seu centro como referência e valorizar sua própria cultura, generalizando. Podemos dizer que o etnocentrismo é uma característica universal inerente tanto aos povos nativos do terceiro mundo quanto aos europeus.

Segundo pesquisadores é comum a associação do eurocentrismo como mais um etnocentrismo. Sabemos que o eurocentrismo não corresponde há uma etnia, pois existem inúmeros grupos étnicos europeus. Enquanto ideologia o eurocentrismo abstraiu os elementos comuns a muitos grupos étnicos e articulou uma visão generalizada a partir de suas referências clássicas: as civilizações grega e romana. Portanto trata-se de um centrismo específico, ou seja, um modelo europeu. O mais grave equívoco nesta associação está na minimização do eurocentrismo como sistema de dominação. Sua identificação como mais um etnocentrismo, isenta o eurocentrismo de suas características mais destacadas: os processos violentos dessa ideologia e a falsificação histórica, utilizados para impor esse etnocentrismo que deveria ser específico, como universal a todos os povos. Podemos dizer que a universalização do modelo europeu, diferencia o eurocentrismo do etnocentrismo.

Portanto, quando falamos em Civilização Ocidental, nos referimos à cultura de origem Grega e Romana e Européia, imposta violentamente pelo colonialismo aos povos colonizados⁸. A suposta superioridade da Cultura ocidental é uma ideologia internalizada pelos próprios colonizados, sobretudo as elites dominantes nacionais⁹. Dentro dessa visão, a Civilização Ocidental representa o estágio mais avançado do desenvolvimento humano. E é dentro desse contexto que as culturas dos povos dominados são retratadas como arcaicas, primitivas e estáticas, que pouco contribuíram para o progresso humano. Enquanto os

⁶ Ver ASANTE, M.K. Afrocentricity, 2ª edição. Treton. (EUA) Africa World Press, 1989.

⁷ Podemos dar vários exemplos da hegemonia eurocêntrica mais tomemos apenas à literatura. Autores clássicos europeus como Shakespeare, Goeth, Camões, Victor Hugo etc. estes autores e suas obras nos são mais familiares do que autores do nosso contexto sociocultural como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, etc, se falarmos de autores orientais; Mishima, Tanizaki, Kawabata, Murakami ou mesmo de autores africanos como Pepetela, Mia Couto, Luandino Vieira e até mesmo o prêmio Nobel de literatura Wole Soyinka, serão quase totalmente desconhecidos.

⁸ Ver FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. São Paulo: Civilização Brasileira, 1968.

⁹ Ver ORTIZ, Renato. Mundialização e Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

índios americanos ganharam à imagem do nobre selvagem¹⁰, e os asiáticos a fama do saber já morto, nenhuma cultura foi considerada mais primitiva ou arcaica do que as africanas.

Já o Afrocentrismo, consiste na construção de uma perspectiva teórica radicada na experiência africana. Ela difere do eurocentrismo, porque propõe o resgate e a reconstrução de um centrismo africano, mais não assume uma postura universalista, ou seja, o afrocentrismo não propõe que seus elementos sejam universais e aplicáveis a outras experiências humanas. A tarefa acadêmica afrocentrada consiste em estudar, articular e afirmar aquilo que diferencia o ponto de vista africano, identificando ao mesmo tempo, os postulados supostamente universais do eurocentrismo.

África: Berço da Humanidade

No século XVIII, quando foi decifrada a famosa Pedra Roseta – chave do conhecimento dos antigos egípcios, inscrita em hieróglifos – se comprovou que praticamente todo o conhecimento científico, religioso e filosófico da Grécia antiga teve origem no Egito, ou seja, na própria África. A Europa Colonialista, que fundamentava a justificativa ética da escravidão na inferioridade dos africanos, não deixou “transparecer” essas verdades. Criou-se também a teoria de que as populações negras do Egito foram conquistadas, e até escravizadas por povos arianos, semitas e asiáticos, que lhes teriam ensinado a Civilização.

O historiador Grego Heródoto também conhecido como o pai da História, nos diz - “E quanto a mim julgo ser os colchianos uma colônia dos egípcios porque, iguais a estes são negros de cabelos lanudos. Em outras palavras, os Egípcios antigos eram verdadeiros negros, do mesmo tipo que todos os nativos africanos (...) pensem só que esta raça de negros, hoje nossos escravos e objeto de nosso desprezo, é a própria raça a quem devemos nossas artes, ciências e até mesmo o uso da palavra!” (NASCIMENTO,1996, p. 43).

O continente africano além de ser o berço da humanidade é, também, o das civilizações (FONSECA, 2004, p.24). Muito embora essa afirmação possa ser contestada pela definição de civilização e pela situação geográfica dada pela New Columbia

¹⁰ A mitificação do indígena do novo mundo (Américas), também está presente no Brasil. A primeira tentativa de construção de uma identidade nacional no Brasil se deu via movimento literário, com o romantismo, que se dá predominantemente pela mitificação e valorização do elemento indígena, temos como exemplo o romance de José de Alencar, O Guarani de 1852.

Encyclopedia (apud NASCIMENTO, 1975, p.565): civilização seria aquele Complexo de Elementos Culturais que primeiro apareceram na história humana entre 8 mil e 6 mil anos atrás. Nessa época, baseada na agricultura, criação de gado e metalurgia, começou a aparecer a espacialização ocupacional extensiva nos vales dos Rios do sudoeste da Ásia. Apareceram lá também a escrita, bem como agregações urbanas bastante densas que acomodavam administradores, comerciantes e outros especialistas.

Entretanto está cada vez mais comprovada a anterioridade da evolução no continente africano dos elementos citados que definem o que é Civilização: especialização ocupacional extensiva; pautados por uma agricultura, criação de gado e metalurgia e a escrita (apud NASCIMENTO, 1996, p.42).

Além de dar luz a humanidade, a África, foi palco da primeira revolução tecnológica, a passagem da existência como caçador e apanhador de frutos silvestres, para a prática da agricultura. Em 1979, o Dr., Fred Wendorf e sua equipe comprovam a prática da agricultura no vale do Rio Nilo há 18 mil anos atrás, ou seja, duas vezes mais antiga do que na região do sudoeste da Ásia. Na região do Saara, antes de virar deserto, já se cultivavam grãos e legumes, a 7 mil, anos, também cultivava-se mais de 25 espécies de grãos diferentes. Em relação à escrita, também está provado, a partir de pesquisas realizadas que a escrita egípcia e Meroítica originaram-se no atual Sudão. A criação de gado, outro traço definidor do nascimento da Civilização, também aparece na África, em Lukenya –atual Quênia- há 15 mil anos (apud NASCIMENTO, 1996, p.42).

Portanto, a situação que temos é que a história foi escrita, mas na realidade ela foi assim distorcida. Acho que uma das maiores mentiras que a sociedade ocidental podia ter dito era de dar a si própria o nome de Civilização Ocidental. Agora por toda a história vimos estudando a Civilização Ocidental, e isso significava que tudo o mais era incivilizado. E as crianças brancas que hoje lêem isto jamais reconhecem que lhes estão dizendo que elas são superiores a todos os outros porque produziram a civilização (...) sim a civilização ocidental tem sido tudo, menos civilizada. Na verdade, tem sido extremamente bárbara. Somos informados de que a civilização ocidental começa com os Gregos, e o epítome disso é Alexandre Magno. Só que posso lembrar a respeito de Alexandre Magno é que aos 26 anos de idade, ele chorou porque não tinha mas gente para matar, assassinar e saquear. E isso é o epítome da Civilização Ocidental” (CARMICHAEL, 1968, p.50).

Pesquisas mostram que o verdadeiro pai da medicina não foi o grego Hipócrates, responsável até hoje pela convenção do chamado “juramento de Hipócrates” – declaração de compromisso profissional do médico -. O verdadeiro pai da Medicina foi o cientista clínico egípcio Imhotep, que há três mil anos antes de Cristo, já praticava grande parte das técnicas básicas da Medicina, conhecendo também a vacinação e a farmacologia.¹¹

O conhecimento médico não esteve situado apenas no norte africano, na região que hoje compreende Uganda, país da África Central, encontramos o saber antigo dos Banyoro que já fazia a cirurgia de cesariana antes do ano de 1879, quando o Dr. R. W. Felkin, cirurgião inglês conheceu essa técnica com extrema eficácia e técnica de assepsia, anestesia, hemostasia e cauterização. O conhecimento médico cirúrgico antigo e tradicional na África, também, operava os olhos removendo as cataratas. Essa técnica foi encontrada no Mali e no Egito, bem como cerca de 4.600 anos atrás, neste último país mencionado, já se fazia a cirurgia para a retirada dos tumores cerebrais (NASCIMENTO,1996,p.26).

A África Sub-saariana, principalmente, foi desprezada pelas sociedades e sistemas de ensino ocidentais aparentemente pela idéia de que fosse destituída da escrita. Essas sociedades e grupos sociais, étnicos e religiosos precisam ser estudados, pois têm e estão na história (KI-ZERBO, 1982).

Além da Medicina uma outra ciência que já estava presente no saber africano é a Astronomia. Pesquisas feitas no Quênia 1978 pela equipe de Lynch e Robbins da Universidade de Michigan encontraram restos de um observatório astronômico. Eles concluíram que as evidências “atestam a complexidade do desenvolvimento cultural pré-histórico na África Sub-saariana. E a pesquisa também sugere que um sistema de calendário complexo e preciso, baseado nos cálculos astronômicos, foi desenvolvido até o primeiro Milênio a.c. na África Oriental”.

As contribuições das diversas nações africanas, ao longo da história, para o desenvolvimento cultural, econômico, político, científico e tecnológico da humanidade é vasta e complexa, muito embora esse conhecimento seja prejudicado pela perspectiva preconceituosa do ocidente europeu-norte-americano e sob sua influência cultural nutre em relação ao continente. A cultura do Norte da África tem sido extremamente importante para

¹¹ Vale ressaltar que Hipócrates considerado o fundador da medicina pelos europeus, atuava por volta de 460 a.c. na Grécia, fazendo pouca ou nenhuma alusão à Imhotep em seus registros científicos. Ver (FONSECA, 2005).

toda a humanidade até os dias de hoje, particularmente pelos conhecimentos que ainda revela (FONSECA, 2005).

No entanto ainda prevalece a imagem do selvagem africano¹² atrasado e ignorante. As próprias línguas e etnias africanas são reduzidas até hoje no imaginário popular à condição de dialetos e tribos. A tradição oral africana, por exemplo, foi excluída até recentemente como fonte histórica, Hegel dizia que as tradições orais africanas eram “modos obscuros peculiares aos povos obscuros”. Étnica e culturalmente, o norte da África seria distinto do continente. A região do norte da África seria identificada como Oriental ou asiática, enquanto a região sub-saariana seria reconhecida como a verdadeira África, negra e destituída de civilização. Hegel no livro *A Filosofia da História*, divide o continente em três partes: que ele chama de África própria, ao sul do Saara; África européia, ao norte do Saara; África asiática, região egípcia-etíope. Vemos claramente a tentativa de eliminar as civilizações clássicas africanas (Egípcio-Etíope) do Continente.

A imagem difundida pelo eurocentrismo dá a imagem de uma África branca civilizada do norte do continente, e uma outra “África própria” nas palavras de Hegel, negra e selvagem, ao sul do Saara. Constatamos então a origem até hoje presente no imaginário popular de que o Egito não faz parte do continente africano.

Um elemento de reforço na construção do afropessimismo e do imaginário negativo, é que a história africana foi escrita com base em documentos exógenos, ou seja, o documento ainda estudado pelo pesquisador e principalmente pelos professores do ensino fundamental tem sido o documento do invasor ou do colonizador.

Só recentemente com pesquisas de Cheik Anta Diop, Hampatê Ba, Theophile Obenga Ivan Van Sertina, Basil Davidson, Kabenguele Munanga, entre outros, é que se inicia um processo de registro dessa história distorcida, e ainda dominante no imaginário popular. (apud NASCIMENTO, 1996).

A “África” no mundo antigo.

¹² Ver atual propaganda da Maionese Hellmans através do site www.hellmans.com.

Pesquisas recentes comprovam presença africana na Europa, na Ásia, e nas Américas. Seus resultados não têm sido amplamente divulgados não só pelo seu nível de especialização como pela sua natureza contestatória aos pressupostos da supremacia eurocêntrica.

A presença da cultura e da civilização africana está presente na Ásia, a partir da transposição dos rios Tigre e Eufrates, na região que compreende a porta de entrada do Oriente Médio (Irã, Iraque, Palestina e Israel). John Baldwin em 1872 registrava que “os povos descritos hebraicos como de Cush foram os civilizadores primordiais do sudoeste da Ásia, e na mais remota antiguidade sua influência estabeleceu-se em todas as regiões litorâneas, desde o extremo leste até o extremo oeste do antigo mundo” (apud NASCIMENTO,1996,p.58).

A grande civilização suméria que se ergueu, acerca de três milênios antes da era cristã, na região da mesopotâmia, teve nos cuchitas do vale do Nilo, sua influência já que Sumer era uma das colônias de Cush. Os sumérios identificavam como sendo os “cabeças pretas”, numa nítida alusão a sua origem africana. Os africanos cuchitas foram responsáveis pela construção da Cidade-estado, de Ur, edificando moradias e templos piramidais cujas laterais lembravam escadarias, seguindo a arquitetura dos núbios, denominados de ziggurats. A influência cultural dos cuchitas na Ásia desenvolveu-se na área que compreendia o Baluquistão (atual Irã, sul do Paquistão e a oeste da Índia), conhecida como Gedrosia, o país dos escuros, em tempos modernos sua população ainda se destaca.

Os gregos a chamavam de Anariakoi, isto é, não-arianos. Hoje a região é denominada de Khuzistan, terra de Khuz ou Cush (NASCIMENTO, 1996, p.58-9).

A península arábica foi habitada originalmente por negros, oriundos do norte e nordeste da África, acerca de oito mil anos atrás. Eles eram chamados de Veddois, estando ainda hoje seus descendentes em porção significativa no mundo árabe. As relações intensas neste processo histórico de migrações constantes entre os dois continentes (África e Ásia) deram conta da construção de civilizações anteriores ao islamismo, mencionadas na literatura grega e romana antiga como a Arábia feliz. Os processos miscigenatórios que ocorreram nesta região de encontros milenares propiciaram o surgimento da população de Sabá, que teve como rainha, a lendária, Makeda. Mais tarde, essa rainha, teve seu filho Menelik, com o Rei Salomão de Israel. Vale lembrar que, a Etiópia teve seu reino sendo

dirigido por mais de três mil anos pelos descendentes de Makeda. (NASCIMENTO, 1996, p.59-60).

A grande civilização da Índia foi originalmente constituída pela população de origem africana, segundo Cheik Anta Diop, Van Sertima e Rashidi. Ela tinha sua economia voltada para o mundo agrícola, posteriormente a Índia foi invadida pelos arianos, povos nômades e guerreiros, que dominaram essa população original e a subjugaram, impondo-lhe uma cultura adversa a sua de natureza patriarcal e vindo a introduzir os sistemas de castas, presente até os dias atuais (apud NASCIMENTO, 1996, p.60-4). O sistema de castas imposto pelos arianos estava baseado em critérios raciais. A palavra Varna que em sânscrito significa casta, também quer dizer cor, e a casta mais baixa se chamava Sudra, ou seja, negro. Na realidade indiana atual como no passado, os descendentes destes africanos permanecem nas castas baixas, sendo denominados de parias ou outras categorias sociais tratadas com total desprezo pelas castas privilegiadas nesta sociedade.

A contestação do sistema de casta é histórica na Índia. Há 600 anos antes da Era Cristã, com o culto de Sidharta Gautama, o Buda, esse processo se intensifica. Segundo Van Sertima e Rashid, o nascimento deste culto floresce dentro das populações negras desta imensa nação, até porque o próprio Buda era negro, como nossas estátuas e imagens antigas com traços evidentes da sua origem africana (apud NASCIMENTO, 1996, p.64).

Heródoto já mencionava em suas obras que a Índia tinha sua origem social e histórico-cultural a partir da presença e influência africana, particularmente da região do Egito e da Etiópia. Os Sind eram os africanos que povoaram a Índia e o Paquistão. Segundo o historiador antropólogo indiano Vidya Bhavan: temos de começar com os povos negros da Índia pré-histórica, que foram seus primeiros habitantes. Originalmente parecem ter vindo da África através da Arábia e das costas de Irã e Baluquistão” (apud NASCIMENTO, 1996, p.60).

A presença da população africana na China, Japão e sudeste asiático remontam aproximadamente 50 mil a 10 mil anos atrás. Os materiais paleontológicos e arqueológicos encontrados referentes aos Homo sapiens de origem africana, chamado de Liu Chiang, nas províncias de Szechuã, datam do período do pleistoceno. A mitologia chinesa identifica essa população original como sendo os Ainu, de nariz chato e cabelo “duro”. A palavra

Ainu tem origem no Egito, referindo-se a cor preta, espalhando-se por todo o mundo, de modo à encontrá-la no Japão e na Irlanda (FONSECA, 2005).

Os Ainu, também estão presentes na história japonesa, com destaque para o comandante Sakanouye Tamuramaro, cuja valentia lendária é homenageada com o provérbio: “Para um Samurai ter coragem é preciso que tenha sangue negro”¹³ (apud Nascimento, 1996, p.64). A mitologia chinesa relata uma raça original chamada Ainu, de nariz chato e cabelo crespo. Vimos que a palavra Ainu teve origem no Egito e significava o negro e a cor preta e se espalhou pelo mundo antigo com a mesma conotação da cor negra. Eles são interpretados no mito chinês como sendo homens de baixa estatura, possivelmente sendo oriundos do povo Twa¹⁴ (África Central) de cabelo lanudo, que originaram as instituições políticas, sociais, religiosas, as técnicas agrícolas, a cultura matrilinear e a escrita chinesa. Os Ainu também desenvolveram o sudeste asiático, particularmente o Camboja, legando a cultura Funan, que floresceu no 300 d.c., na medida em que estabeleceram uma sofisticada tecnologia de engenharia hidráulica. Para Nascimento (1996, p.64): No séc., VI, os Khmer absorvem essa cultura e a misturam com o culto budista a Shiva. Responsáveis pelo famoso complexo arquitetônico de Angkor Wat, os Khmer eram escuros, com o cabelo em carapinhas”.

A presença dos africanos na Europa e na América também é antiga. A Grécia e suas ilhas, em sua antiguidade também contaram com a contribuição civilizatória dos negros. Schlieman, segundo Nascimento (1996, p.66), após escavações em Tirins e Micena nos diz: “parece-me que esta civilização pertencia a um povo africano”. Referente à Creta, nos informa Evans: “Gostem ou não do fato, os estudiosos clássicos são obrigados a considerar as origens. Os gregos que discernimos nessa nova aurora não eram nórdicos de pele clara, mas essencialmente a raça de cabelo preto e pele escura” (apud NASCIMENTO, 1996.p.66).

As nossas senhoras negras, por exemplo, a de Loretta na Itália, Núria na Espanha; e Czestochawa, na Polônia, estão presentes em toda a Europa, desde tempos remotos, demonstrando a relação sincrética ou inculturada histórica e culturalmente compreensível, que retratam Ísis, deusa Núbia e egípcia da fertilidade. Plínio, antigo historiador romano,

¹³ A respeito de conhecimento mais aprofundado sobre a história dos samurais, ler, YAMASHIRO, José. História dos Samurais, São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/Massao Ohno, 2ª ed., 1987.

¹⁴ Os povos Twa, ou San, são retratados nos livros Didáticos com o nome pejorativo dado pelos europeus de Pigmeus.

destaca esse fenômeno inclusive na Inglaterra e na Alemanha, talvez introduzidos pelos faraós egípcios que visitaram a Europa entre 1.900 e 1.450 a.c. Vale ressaltar que nas legiões romanas haviam muitos africanos que praticavam o culto a Ísis e estiveram em toda a Europa, além do fato de que cerca de 1.000 etíopes ocuparam Cádiz (atual Espanha) aproximadamente mil anos antes da era cristã e se mantiveram lá, por volta de 150 anos, formando uma comunidade unida, forte e estruturada sócio-politicamente, antes de ser submetida pelos romanos (apud, NASCIUMENTO,1996, p. 66).

Com relação ao universo cristão, é pouco citada a existência de três Papas africanos; Vitor I, 14º Papa depois de São Pedro que assumiu a cadeira papal no ano 189 d.c. e foi responsável pela fixação da festa da Páscoa no Domingo, também foi o primeiro a Celebrar a missa em Latim; Miltíades que assumiu em 311, e testemunhou a suspensão da perseguição dos cristãos e a vitória de Constantino no poder romano; Gelásio I (492-496) ficou conhecido pela sua ação social em prol dos empobrecidos, sendo autor de diversos hinos e ensaios teológicos. Os três papas foram canonizados. Atualmente não é mencionado o fato de eles serem africanos ou seus traços físicos quando retratados não demonstram esse pertencimento racial (FONSECA, 2004).

Aparentemente, a população afro-arábica, denominada de moura, de origem no povo Garamate que habitava o SAARA, a cerca de 5.000 anos a.c., e invadiu o Egito em 640 d.c., atravessou o estreito de Gilbratar, sob liderança do general Gabel Tarig, e permaneceu na Europa de 711 até 1492, influenciando toda a vida social, política, cultural, científica e religiosa européia. Inclusive introduzindo o pensamento Aristotélico neste continente, a partir dos monastérios e da vida social laica, propiciando a interpretação de Aristóteles por São Tomas de Aquino em sua Suma Teológica (NASCIMENTO, 1996; ANDRADE FILHO, 1989, LIBERA,1999). Essa população contribuiu imensamente com a Europa Ocidental, em particular com Portugal e Espanha, não destruindo, ao longo destes 700 anos de ocupação, os monumentos e igrejas cristãs que lá encontrou, mas mantiveram este acervo cultural ibérico e europeu. Vale mencionar que o contrário ocorreu quando o ocidente europeu invadiu a África e o Oriente, particularmente aquele em que a maioria é islâmica.

Os africanos com o seu conhecimento náutico estiveram nas Américas, muito antes de Colombo e Cabral. Desde 1862 as pesquisas históricas, etnológicas, craniológicas,

botânicas, arqueológicas, oceanográficas, filológicas, de história natural e de lingüística têm trazido, muito a contragosto de pesquisadores, intelectuais e governantes ocidentais que os africanos marcaram as civilizações pré-colombianas. Van Sertima demonstra crânios africanóides em Titilco, Cerro de Iãs Mesas e Monte Albán, no México, enfatizando que esses fósseis faziam parte do pré-clássico da civilização Maia (apud NASCIMENTO, 1996, P.69). Segundo os dados fósseis encontrados havia 13,6% de presença africana entre os Olmeca, população anterior aos Maias.

Constata-se que na população Olmeca e posteriormente na Maia, nos seus registros orais e lingüísticos frequentes, informações sobre “esse povo negro que veio do sol nascente”, como retrata o Popul Vuh, o livro sagrado, mítico-religioso e histórico dos maias. Esse relato fundamenta o fato de que há no idioma maia diversas expressões que encontram-se nos idiomas inca e egípcio. Outros fatores como as pirâmides egípcias, mexicanas e peruanas, bem como as técnicas de mumificação expressam não uma coincidência, mais uma relação de intercâmbio científico e cultural, além das grandes esculturas em basalto desenvolvidas pelos Olmeca que, encontram-se em La Venta, San Lorenzo e Três Zapotes, representando os reis nubas, o tipo étnico africano que esteve entre eles em tempos remotos. Os reis nubas são de origem egípcia, A 25ª Dinastia Egípcia, a dinastia dos Faraós Núbios; Piankhy, Shabaka, Shabatakya e Ta-har-fa, de 800 e 600 a.c. foi responsável por uma renascença da cultura clássica Egípcia - Núbia tornaram-se na época a maior potência naval e bélica do mundo (apud NASCIMENTO, 1996, p.70).

Também a dúvida sobre a capacidade dos antigos africanos de atravessar o mar reflete o preconceito histórico anti-africano. Para os egípcios, a construção naval, o comércio marítimo e a marinha guerreira não eram novidade, desde 2.600 AC. Eles já construíam naves de grande porte, tecnicamente os navios africanos eram superiores às caravelas européias de dois milênios mais tarde.

Um segundo momento de contato entre a África e a América emerge dos registros das tradições orais dos maias no México e do Império do Malí, no séc. XIV. O embarque de Abukari II – irmão do lendário Mansa Musa – nas Américas na região onde habitavam os maia e totoca, foi registrada pelos historiadores árabes da Época.

É evidente que o único obstáculo à aceitação geral da presença africana nas Américas antes de Colombo é o eurocentrismo, que não permite abalar sua convicção da inferioridade africana.

Conclusão

Até a véspera da era colonial moderna, era comum encontrar, com facilidade, as imagens positivas sobre a África. Árabes e europeus descreveram as formas políticas africanas altamente elaboradas e socialmente aperfeiçoadas, entre as quais se alternavam reinos, impérios, cidades-Estado e outras formas políticas baseadas no parentesco, como chefia, clãs, linhagens. Após a conferência de Berlim (1885), que definiu a partilha colonial da África, essas imagens “simpáticas” e tranquilizadoras começaram a sombrear (MUNANGA, 2004). A infância inocente foi substituída pela imagem de sub-humanos para facilitar a operação de sujeição, as belezas naturais desapareceram e foram substituídas pelos horrores da selva, da barbárie e do atraso, os povos tornaram-se sem cultura, sem história, sem identidade mergulhados na bestialidade, na ignorância e anarquia. Reinos e Impérios foram substituídos pelas tribos primitivas em estado de guerra permanentes, umas contra outras, para justificar e legitimar a Missão Civilizadora, que até hoje alimenta o imaginário da África no Brasil.

Podemos dizer que a “África” e a sua herança cultural no Brasil, têm sido basicamente um produto do sistema de relações raciais¹⁵ e de poder mais do que da capacidade de preservá-la em si¹⁶.

O registro das realizações acima citadas dos povos africanos precisa ser incorporado à literatura didática, de maneira a incluir a África os africanos e sua herança cultural no cenário da história humana.

¹⁵ Relações raciais implicam modificações, perdas e recriações no jeito de ser e de viver dos grupos que travam conhecimento ou mantêm convívio em situações de opressão ou de solidariedade. No Brasil nessas relações os afro-brasileiros foram, e ainda são, sujeitos a desenraizamentos e até mesmo a perdas da tradição de que são originários. Ao longo dos séculos, tem-se tentado leva-los ao esquecimento da sua africanidade, com o propósito de assimila-los à visão de mundo, alheios às suas raízes, a fim de que tenham dificuldades para constituir identidades individuais e grupais fortes social e politicamente. Ver (SILVA, 2000).

¹⁶ A respeito da construção da “África” no Brasil, ver Sansone 2003.

BIBLIOGRAFIA

APPIAH, K. Identidades africanas. In: Na casa de meu pai. África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, s/d.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricity, 2ª edição. Treton. (EUA) Africa World Press, 1989.

_____. The Afrocentric Idea. Philadelphia Temple University Press. 1987

ANDRADE FILHO, Ruy. Os muçulmanos na península Ibérica. São Paulo: Contexto, 1989.

CARMICHAEL, Stoklely. O poder negro, Org. David Cooper. In: Dialética da Libertação, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

DIOP, Cheikh Anta. Origem dos antigos egípcios. In: História Geral da África, A África Antiga. Vol.II: São Paulo/Paris/UNESCO, ORG. G. Mokhtar, 1983.

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. São Paulo: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, F. Racismo e Cultura. In Escritos Políticos México: FCE, 1975.

FONSECA, Dagoberto J. A história, o africano e o afro-brasileiro. In: Cadernos de Formação – Ensino de História, São Paulo: Programa Pedagogia Cidadã, PROGRAD, UNESP, 2004.

FONSECA, Dagoberto J. et. Al. O continente africano, seu legado e suas história. In: Nossas Raízes Africanas, Org. Vilson C. de Sousa Jr., São Paulo: Atabaque, Centro Atabaque: Cultura negra e teologia, 2004.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Edit. Global/ Ação Educativa, Coleção Viver, Aprender, 2004.

NASCIMENTO, Elisa Larkin, E.N. Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

ORTIZ, Renato. Mundialização e Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

POUTIGNAT, Phillippe. Teorias da Etnicidade. Seguidos de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/ Filete Poutignat, Joceline Streiff-fenart. São Paulo, Ed. KIZERBO, J. HISTÓRIA GERAL DA África. Vol. I, IV, VII. São Paulo: Ática, 1981.

SAID, E. W. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

SANSONE, Lívio. Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações e na produção cultural negra do Brasil. Salvador: Edufba; Pallas, 2003.

SILVA, P. B. G. Pensamentos em educação: estudos comparados entre África e Brasil (primeira fase). São Carlos: Núcleo de Estudos Afro-brasileiros/UFSCAR, 2000. (Relatório de Pesquisa).